

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A — 1.º e 2.º Andares — Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa — Rua do Santo António, 133.

Director, editor e proprietario — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA

O soldado desconhecido

No sábado, 29 de Setembro de 1939, enviei ao sr. A. de Sousa Gomes, colaborador dum jornal que se chama *Novidades*, a seguinte carta:

«Ex.º Sr.: — atravessou-se, um dia, v. ex.º no meu caminho. Tratei-o com paciência de santo, porque se eu sou, como v. ex.º diz, «pobre espírito», v. ex.º é «pobre de espírito», não no sentido evangélico, mas no sentido literal.

Fiquei a saber, então, que v. ex.º era idiota, mas não era insolente. No seu último artigo das *Novidades*, v. ex.º acumula: é idiota e é insolente.

Espere v. ex.º um instantinho; deixe-me arrumar, aqui, as coisas das vindimas, e eu lhe exibirei as idiotices, e corrigirei as insolências. — Alfredo Pimenta.»

Cumpro a promessa. Nas *Novidades*, de 22 de Setembro, na sua 1.ª página, sob o título de *Críticos diferentes*, espapou-se um artigo do sr. A. de Sousa Gomes.

Prezende este sr. discutir dois artigos meus: aquele em que, depois de tantas vezes o ter feito, expus mais uma vez o que penso sobre a instituição do soldado desconhecido; e outro em que discreto sobre coisas em que entra a Encíclica *Rerum novarum* de Leão XIII.

Assumi perante a mais alta autoridade espiritual do nosso país, o compromisso de não escrever mais nada sobre o tema que encobria o meu parecer relativo à Encíclica citada. Nesse compromisso ia, de certo modo, envolvido o de não tocar nas *Novidades*.

Este último implicitamente a evidente condição de as *Novidades* se manterem quédas.

Do primeiro compromisso não há forças humanas que me arredem.

Ao segundo, não há nada que me prenda, uma vez que as *Novidades* saiam a terreiro a provocar-me.

Desta feita, atiraram-me à sombra o sr. A. de Sousa Gomes.

Eu verdadeiramente não sei quem é este sujeito.

Preguntando, há tempos, a um amigo que o conhece, quem ele era, obtive a seguinte resposta: «é um homem gordo».

Não é mais nada?, ainda inquiri. E o meu amigo: «não; não é mais nada».

Ser homem gordo é bem pouco — para se meter em certos assuntos. Mas as coisas são o que são. Se eu partisse do princípio de que todos os meus leitores são da força deste sr. A. de Sousa Gomes, não escreveria uma linha, porque era positivamente deitar pérolas a porcos.

Ele fez parte dum comissão sanitária encarregada de fazer ou procurar fazer identificação de cadáveres de soldados portugueses sepultados em terra de França — segundo confessa.

Pois nas suas funções de removedor de cadáveres, o sr. A. de Sousa Gomes verificou que grande número de cruces de madeira tinham escrito em alemão — *aquí jaz um heróico soldado português desconhecido*.

O sr. A. de Sousa Gomes confessa, com estupefada franqueza, que verificou isso «com certo espanto».

Com espanto? Naturalmente queria que os alemães tivessem escrito — *aquí jaz um A. de Sousa Gomes*.

Os bárbaros são os alemães — e prestavam aquela homenagem aos mortos portugueses. O civilizado é o sr. A. de Sousa Gomes — mas notou, com certo espanto, que os alemães fossem gentis...

E o nosso homem gordo tendo visto estes dizeres, estes e análogos, não é capaz de perceber a minha posição perante a instituição do soldado desconhecido.

Hesito em explicar-me. E hesito, porque temo fazer injúria aos leitores que podem bem responder-me que me perceberam completamente, e que é ofensa supérflua a estatua do sr. A. de Sousa Gomes.

Admito que se não pense como eu. E o sr. Tomás Ribeiro Colaço, em artigo publicado no *Diário de Lisboa*, manifestou a sua discordância. Está no seu direito — uma vez que me entendeu.

Mas vir um homem gordo que não percebe patavina do que lê, contestar-nos, e descer a gente a explicar o que é claríssimo — só dentro do círculo fechado da boa educação, círculo que o sr. A. de Sousa Gomes desconhece por completo, e donde anda ausente, de górra com os homens das *Novidades*.

Mas eu quero enterrar este homem gordo na treva e arrumá-lo dum vez para sempre.

No artigo que o homem gordo se atreveu a discutir, combati a instituição do Soldado desconhecido.

Não diminuí, não visei, nem de leve rocei o soldado desconhecido, infante ou cavaleiro, artilheiro, sapper, ou chauffeur de camião de guerra, sota ou clarim.

Sempre o soldado português foi valente, e não precisa do atestado de ninguém, para que nós outros o saibamos, e eu em particular. Sempre o soldado português, soldado de terra ou soldado do mar, foi heróico na derrota e magnânimo na vitória.

Mas sempre, até à guerra de 1914-1918, se consagraram os feitos individuais, com citações e medalhas — fossem eles os de simples soldados rastos ou de generais comandantes.

Com a guerra de 1914-1918, criou-se uma Instituição tendente a anónima a heroicidade, a rasoiar o valor, a igualar o esforço: a Instituição do Soldado desconhecido.

Toda a gente sabe que essa Instituição foi criada para se evitar a consagração do Comandante, com receio de que entre os generais vencedores se gerassem audácias que as Democracias consideravam impertinentes.

É certo que, aqui ou ali, se ergueram estátuas a indivíduos. Mas o culto que se criou, se regularizou e se mantém não é o culto do Comandante — é o culto do Soldado desconhecido, ou o culto de Ninguém.

Interpreto esta Instituição nas suas intenções e nas suas consequências. Pode-se, repito, discordar da minha interpretação. O que não há direito de sair fora dela, como fez o sr. A. de Sousa Gomes.

Em todas as obras humanas colectivas, há a direcção, a criação, e a cooperação anónima.

Nas guerras, há o Comandante e a massa que obedece e cumpre e realiza. Num navio, há o Comandante, e a tripulação. Numa Associação, há o Presidente e os associados. Num jornal, o Director e os jornalistas. Na tipografia, o Chefe e os compositores. No hospital, o Director, e o pessoal — médico e de enfermagem. Etc., etc., etc.

Segundo a Instituição do Soldado desconhecido, quem merece a consagração e o culto é a massa que obedece anónimamente, e não o espírito que dirige, anima, resolve ou cria. É o valor colectivo, e não o valor individual. É a energia apática, e não a energia activa. É a massa humana, confusa e heterogénea, e não Deus que a criou, a guia e inspira.

Não se deve consagrar Pasteur, mas os empregados do seu laboratório; não se deve consagrar Curie, mas os serventes do seu gabinete. S. Tomás de Aquino não merece ser celebrado, mas sim os escribas que elle tinha às suas ordens. Apaguemos da história da Arte, Afonso Domingos, e consagremos o Pedreiro desconhecido!

Ora é contra isto que eu protesto. Sem negar a cooperação dos dirigidos; sem negar o valor individual de cada um dos dirigidos (antes pelo contrário!) — é que eu quero que se celebre, se consagre o Herói, o Super-homem, o Espírito.

A Instituição do Soldado desconhecido é a negação do Espírito, do Super-homem, do Herói, porque consagra exclusivamente o Anónimo. Eu vou procurar o Indivíduo no Comandante e nos Comandados, para o exaltar. A Instituição do Soldado desconhecido ignora o Indivíduo, para só conhecer a Massa. Eu tenho o culto da Pessoa. A Instituição do Soldado desconhecido tem o culto do Número.

Toda a gente entende o que quero. Só aquele homem gordo, e colaborador das *Novidades* não percebeu. Pois se não percebe, cale-se, e fique-se no único papel que está à altura das suas qualidades.

Guimarães,
Casa da Madre-de-Deus.

Alfredo Pimenta.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o Comunicado que se publica na terceira página.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

A Polónia Mártir

Se há dôr ou sofrimento assim, iguais, maiores,
Nunca os senti nem vi na negra babilónia
Dêste mundo revolto em malvudez, horrores,
Desta vida de sangue e brutalmente errônea!...

Meus olhos de pavor, na mais cruel insónia,
Olham o grande Povo a rebramir de dores,
Esse Povo cristão e bravo da Polónia,
Que pela Pátria morre! e que não tem traidores!...

Pátria nobre de Heróis: Polónia retalhada!
O' Varsóvia leal: serás reedificada,
Pilsudsky hoje em ti mais forte se encarnou!

Reviverás do teu ingrato sofrimento!
Cristo teve na Cruz o máximo tormento,
Por nós Homem morreu e em Deus ressuscitou!

Setembro de 1939.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

O aniversário natalício do Sr. Presidente da Câmara

O dia de ontem, 7 de Outubro, obrigava Guimarães às homenagens pessoais, de admira-



ção e reconhecimento, que foram contínua e particularmente prestadas ao grande vimaranense e ilustre Presidente da Câmara Municipal, sr. dr. João Rocha dos Santos, por motivo do seu aniversário natalício.

Tudo quanto Guimarães tem de mais distinto e de mais útil — todos os homens bons desta terra de gloriosa Tradição e Trabalho honesto — todos aproveitaram a oportunidade

de apresentarem os seus cumprimentos à mais alta figura política do Estado Novo que este concelho actualmente possui, desejando com a sua atitude significar o seu profundo respeito ao perfeito homem de bem, ao advogado distintíssimo e ao vimaranense ilustre, tam carinhosamente dedicado aos progressos de Guimarães, que é a pessoa superior do sr. dr. João Rocha dos Santos.

E bem foi assim. Guimarães tem, como entende que deve ter, a necessidade de acarinhar os seus homens mais representativos, aqueles que lutam pelo seu engrandecimento espiritual, económico e moral, os que procuram, enfim, pôr esta cidade e concelho acima dos interesses individuais, dando à colectividade vimaranense o prazer da sua perfeita expansão e o auxílio dos seus interesses respeitáveis.

«Noticias de Guimarães» que sempre colocou na primeira linha do seu programa de combate a gratidão aos que dignamente trabalham pelos progressos desta terra abençoada, saúda, com carinhosos parabéns, a pessoa por tantos títulos ilustre do sr. dr. João Rocha dos Santos, que conta as simpatias gerais desta cidade e concelho.

Falta de cumprimento

Há tempos, foi determinado pela ex.ª Câmara — e com muitíssimo acerto — que todos os proprietários deveriam mandar limpar exteriormente os seus prédios, sendo, para esse efeito, a cidade dividida em zonas e estabelecidos os respectivos prazos dentro dos quais a limpeza deveria ser feita. Alguns proprietários cumpriram à risca o que lhes foi determinado, mas outros — e bastantes dos que se dizem zelosos cumpridores dos seus deveres — estão, ainda, na expectativa. Há ruas, cujo prazo terminou já em 15 de Julho passado e, afinal, os prédios que estavam sujeitos ou imundos continuam no mesmo estado, aguardando, talvez, que as chuvas do outono se

Horas bárbaras

Ao aproximar-se das margens do Danúbio, e a confirmar o dizer espanhol de ser freqüente e grave «la injusticia con que el hombre suele medir a todas las mujeres con un mismo rasero», a beleza das mulheres loiras, rosadas e fortes, de magníficos dentes, olhos azuis e risonhos, entre as rendas pretas das toucas, tocando, com suas asas de luto, esplendorosas cabeleiras de ouro, como filhas dos lavrantes oiriveseiros — *Goldchmids Tochterlein* —, impressionaram a viajeira espionista, e anunciaram-lhe Munique, a terra potente da riqueza e do brilho, a capital da Baviera, cidade refinada em aristocracia, festiva e bailarina, onde, em diademados recamos de pedras preciosas, ou em laços de colares, faiscantes de gemas coloridas, nobres senhoras belicavam o direito à corôa de Rainha da Formosura. De qualquer ponto da cidade, logo atraía e dominava a atenção o monumento enorme que, em honra, glória e fama da *Batavia*, já há seis anos, então, andava a trabalhar, no empenho de o tornar colossal, o escultor *Schwanthaler*. Note-se o comentário da Baronesa: «Mas é *Germania* que devia chamar-se e não *Batavia*! Símbolo do conjunto da pátria comum, jámais devia representar uma simples parcela da grande sôma. A Baviera, a Suávia e o Palatinado, reunidos, eram ainda base muito acanhada para delimitar o lugar, onde pereceram, outrora, as legiões de Varo». Discreta, a escritora não diz, porém, como foram ali massacradas as desprevenidas e confiadas hostes romanas... Arminio havia-se transformado, lendariamente, no grande herói alemão, e ela vira, em *Thuringer Wald*, a famosa coluna de Hermano — *Hermann's Saule* —, onde se erguera o *Teutoburgo*. Mas, não perde o ensejo de anotar o mais interessante ao seu ponto de vista — e, admirada da perfeita calma das sessões na Câmara dos Deputados da Baviera, em flagrante contraponto com o tumulto da Assembleia de Francfort: Qual a razão?, inquire — «E' que eles, aqui, bebem cerveja, e, nas margens do Rêno, bebem vinho» —, respondeu-lhe certa Condessa, do seu trato. O que não queria dizer que, para o Bávoro, a cerveja não fosse de capital e suma importância: «A revolução, que torçou o Rei a abdicar, não passou de uma brincadeira; mas, na insurreição, causada por certo pequeno aumento nos direitos da cerveja, cometeram-se verdadeiras tropelias e... morreram várias pessoas».

Ao transportar-se da capital da Baviera para a capital da Prússia, a algaravia grotescamente bárbara da linguagem feriu os ouvidos da Baronesa, e, porque pedisse a alguns que falassem o alemão, eles papaguearam um dialeto berlinês, ainda mais ininteligível. Entretanto na Avenida das Tilias (*unter den Linden*), sentiu a grandeza de Berlim: «estais num país que quer levantar-se, *imwerden*, como se diz na Alemanha». Palácios, Museus, a Opera... «A direita do Palácio do grande Frederico, ergue-se uma coluna, no cimo da qual poisa uma águia de ouro, com a serpente presa na garra: é o emblema da Alemanha». E acrescenta: «Por toda a parte, as águias. Águia negra da Prússia, Águia vermelha de Brandeburgo! Fundida em Bronze, esculpida em mármore, pintada na tela, no cobre ou na porcelana; bordada nos sofás, nos reposteiros, nos tectos ou nos tapetes, nos vasos e por cima das mesas, sempre a ave real se multiplica, sempre ela vos fita «*de son air rouge et menacant, le bec à moitié ouvert, la griffe levée prête à frapper et à prendre*», «*Suum cuique*». «Com a futilidade alegre e elegante de Viena contrasta a grave seriedade de Berlim. «Li algures, diz-nos, que os Alemães tem o hábito do infinito: a expressão é verdadeira, sobretudo aplicada ao homem de Berlim... De um indivíduo com o hábito do infinito a um utopista, a distância é nada; e, se esta tendência excêntrica, contida nos limites da vida privada, é apenas ridícula: «*elle peut causer à un Etat d'irréparables calamités, lorsque par malheur elle se développe chez des hommes d'énergie et de mouvement*». «Não são como proféticas estas palavras? Em seguida, conta-nos que *Herr Doctor Groddeck* apresentara à Faculdade de Berlim sua tese com este rotundo título: *De morbo democratico, nova insanitae forma!* Mas há sinal preciso e preciso para distinguir todo o homem «gravemente atingido do delírio democrático» — é ter os cabelos loiros e frisados, e ter estudado *teologia em Leipsick*... Por seu lado, as damas eram colossalmente sábias, e, todas as tardes, pelas cinco horas, reuniam-se nos *Damen-Caffee's* a discutir o contingente e o absoluto, Confúcio ou Pitágoras, Kant ou Hegel. Foi neste meio que, a 21 de Março de 1848, a insurreição se levanta, gritando vivas a Frederico Guilherme — como Imperador da Alemanha. Firmemente, o Rei da Prússia recusa a dignidade a que o queriam elevar, como de novo a recusa a 3 de Abril de 1849, «em presença de uma deputação que vinha com aparência de legalidade impor-lhe a dignidade imperial, em face dum povo ambicioso e possuído «*de l'ivresse de domination*» — da Austria, três vezes esgotada pela guerra interior, — dos generais Alemães, cansados, fatigados, alarmados...» E' de notar que, a 29 de Junho de 1848, a Assembleia de Francfort abolira o poder central, conhecido pelo nome de *Bund*. E no que se pensava então era em unir a Austria e a Prússia, entregando-lhe esse poder central. Entretanto, a Austria considerava ainda como existente o *Bund* e a Prússia negava essa mesma sobrevivência do *Bund*.

x. Lêde e assina i «Notcias de Guimarães».

Vária

Teodorico Raposo e o Doutor Topsisus

A obra do nosso grande *Eça de Queiroz*, sem dúvida um dos maiores escritores do mundo no século passado, tem de curioso, e isso mesmo à cunha de imortal, que, por mais conhecida e relida, sempre nos traz, a cada novo exame, ou mais atento ou mais demorado, feito ainda num estado de espírito diferente, novos aspectos, miragens novas, outras sugestões, dando-nos sempre encantadora impressão de frescura, de elegância e de novidade. A galeria dos tipos não é como a dos retratos dos museus: sombras do passado, nomes de epítáfio, cadáveres embalsamados na côr já desbotada da tela. São pessoas vivas, ainda a mexerem-se, a falarem, a gesticularem, esbarrando-se no nosso caminho, fazendo-nos parar, a dominar-nos com a sua força viva, nessa apagada sonolência de automatismos.

Assim, por estes dias de grande tensão nervosa, quisemo-nos encontrar em conversa pacífica e regalada com o Doutor Topsisus. Abrimos a *Relliqua*, batemos à porta da quinta do Mosteiro, e chamamos o sobrinho da D. Patrocínio das Neves, e logo fomos atendidos: o Doutor Topsisus era vivo, são — e o mesmo. Confessamos — tínhamos saudades de o ver, tam amena, deliciosa e amena, era, em nossa recordação, a memória do seu retrato. Pedimos a Teodorico nos voltasse a contar como o encontrara. Fiel e textualmente o reproduziu, e nós, que tantas vezes o tínhamos ouvido, foi como se pela primeira escutássemos a história:

«Eu conhecera Topsisus em Malta, uma fresca manhã, estando a comprar violetas a uma ramalheteira que tinha já nos olhos grandes um langor mulçumano: ele andava medindo consideradamente com o seu guarda sol as paredes marciais e monásticas do Palácio do Gran-Mestre. Persuadido que era seu dever espiritual e doutoral, nestas terras do Levante, cheias de história, medir os monumentos da antiguidade, tirei o meu lenço e fui-o gravemente passando, esticado como um côvado, sobre as austeras cantarias. Topsisus dardejou-me logo, por cima dos óculos de ouro, um olhar desconfiado e ciumento. Mas tranquilizado, decerto, pela minha face jucunda e material, pelas minhas luvas almiscaradas, pelo meu fútil ramalhete de violetas — ergueu cortêsmente de sobre o longo cabelo, corredio e côr de milho, o seu bonézinho de seda preta. Eu saídei com o meu capacete de cortiça; e comunicamos. Disse-lhe o meu nome, a minha pátria, os santos motivos que me levaram a Jerusalém. Ele contou-me que nascera na gloriosa Alemanha; e ia também à Judeia, depois à Calileia, uma peregrinação científica, colher notas para a sua formidável obra, a *História de Herodes*. Mas demorava-se em Alexandria a amontoar os pesados materiais de outro livro monumental, a *História dos Lágidas*. . . Porque estas duas turbulentes famílias, os Herodes e os Lágidas, eram propriedade histórica do doutíssimo Topsisus.

— Então, ambos com o mesmo roteiro, podíamos acamaradar, Doutor Topsisus!

Ele espigado, magríssimo e pernu-do, com uma rabona curta de lustrina enunchada de manuscritos, cortejou gostosamente:

— Pois acamarademos, D. Raposo! Será uma deliciosa economia!

Escovado na gola, de guedelha caída, o nariz agudo e pensativo, a calça esguia, — o meu erudito amigo parecia-me uma cegonha, risível e cheia de letras, com óculos de ouro na ponta do bico. Mas já a minha animalidade reverenciava a sua intelectualidade: e fomos beber cerveja. A sabedoria neste moço era dom hereditário. Seu avô materno, o naturalista Shlock, escreveu um famoso tratado em oito volumes sobre a *Expressão fisionómica dos Lagartos*, que asombrou a Alemanha. E seu tio, o decrépito Topsisus, o memorável egiptólogo, aos setenta e sete anos ditou na poltrona, onde o prendia a gôta, esse livro genial e fácil — a *Síntese monoteísta da Teogonia egípcia, considerada nas relações do Deus Ptah e do Deus Inhotef com as Tríadas dos Númus*. O pai de Topsisus, desgraçadamente, através desta alta ciência doméstica, permanencia figle numa charanga em Munique: mas o meu camarada, reatando a tradição, logo aos vinte e dois anos tinha esclarecido, radiantemente, em dezanevo artigos publicados no *Boletim hebdomadário de Escavações Históricas*, a questão, vital para a Civilização, dumha parede de tijolo erguida pelo rei *Pi-Sibkmé*, da vigésima primeira dinastia, em torno do templo de Ramésés II, na lendária cidade de Tanis. Em tôda a Alemanha científica, hoje, a opinião de Topsisus acerca desta parede brilha com a irrefutabilidade do sol.

Teodorico suspendeu-se para acender um cigarro. E eu, considerando que não seria talvez oportuno, ouvir o resto, pedi-lhe me certificasse daquilo do registro dos nomes, no hotel.

«Assim, quando no *Hotel das Pirâmides* nos apresentaram um livro para nele registarmos nossos nomes e nossas terras, o meu douto amigo traçou o seu «Topsisus», ajuntando por baixo, altivamente, em letras tesas e disciplinadas como galuchos: — «Da Imperial Alemanha». Arrebattei a pena, e recordando o barbudo João de Castro, Ormuz em chamas,

P. A. ALBERTO GONÇALVES

«Portugal e a sua História»

Livraria Civilização — Pôrto 1939

Este livro de *Figuras e Factos da História Portuguesa*, se, e desde logo, se nos impõe como revelação de uma inteligência nobre e afectiva, dá-nos, nas suas trezentas páginas compactas, linha a linha uma lição enternecida e confortadora. Ele não é apenas, o que já seria muito, a evocação das horas grandes de uma Pátria, amassada em sentimento, iluminada de ideal, cons-



P. Alberto Gonçalves

truída, defendida, mantida e avigorada com heroicidade: o seu autor, com a chama sagrada do seu profundo e convencido amor do nosso Portugal, leva-nos a reviver, com erudição e carinho, com sobriedade e eloquência, esse desfile grandioso das nossas mais altas figuras e dos acontecimentos mais característicos, que são e formam a alma nacional. É uma peregrinação piedosa pelas regiões e tempos, que se extinguíram na poeira dos séculos, mas que se consubstanciaram na nossa própria razão de ser; é uma rotagem de saúde e amor ao nosso verdadeiro Lar; onde nasceram, onde viveram, onde se finaram os nossos maiores, deixando-nos a herança deste nome de Portugal, que a não há mais opulenta, nem melhor. A própria lenda, em suas mãos, se torna sugestiva e propiciatória — mas, desde que o autor, aborda os factos verdadeiramente históricos, a sua pesquisa é laboriosa e diligente, a sua investigação incansável e profunda, o seu exame consciencioso e detido, o seu rigor de verdade apurado e perfeito de modo que o livro é todo ele uma lição, e a lição magistral. E sentimo-nos verdadeiramente cativos e admirados do cuidado, da paciência, do encanto, da ternura com que o autor, durante a sua vida inteira, foi perquirindo, compilando, anotando, continuando, incessantemente, pormenor a pormenor, minúcia a minúcia, facto a facto, de modo a coligir os dados mais interessantes, conseguindo sólido e copioso material de estudo.

São cincoenta os assuntos versados, todos eles palpantes, e por tal forma ordenados que se o leitor culto lucra novos conhecimentos, o mais leigo apreende em aspecto nitido e preciso uma revelação magnífica da nossa história.

E então para nós, vimearanenses, quantas informações preciosas! O livro não nos cativa somente a admiração e nos determina ao respeito — esta obra é daquelas que nos enraíza profundos sentimentos de gratidão ao seu autor.

Adamastor, a capela de S. Roque, o Tejo e outras glórias, escrevi largamente em curvas mais enfunadas que velas de galeões: — «Raposo, Portugueses d'aquem e d'além-mar.»

de Young:

A verdade ainda é misis cruel do que a mentira.

Uma hora! Só contamos as horas depois de as havermos perdido...

Que vil, o homem! Que agosto, o homem! Verme e Deus...

O homem feliz contrai uma dívida com a desgraça. E a desgraça, como um crêdor feroz, não tarda a exigir-lhe os juros de mora.

Todos nos prometemos ter juízo, um dia. O homem actual louva-se no homem futuro, e o amor próprio enfatua-se com essa sabedoria futura.

João Ameal, que é, aliás, um moço escritor simpático, lavra, no *Diário de Notícias* de 30-Setembro,...

... o quê?, santo Deus! — nem mais nem menos do que o *Epítáfio do «Freudismo»*.

Nós cá, ao menos, somos assim — decretamos omniscientemente, e está o caso arrumado. E quando enganhámos com certa pessoa — porque é herética aos nossos modos de ver, que são, neste caso, invariavelmente, os modos de ver dos outros, mas que estão na moda — por maior que seja o seu talento, o seu valor, o alcance do seu labor científico, despedido dos naturais exageros, não estamos com meias medidas e mesmo para dentro do caixão lhe arremessamos, como pesados calhaus, datas de cavalgadura!

GAZETILHA

Partiram as andorinhas em demanda doutra terra, deixando os ninhos vazios 'té voltar a primavera.

Essas lindas mensageiras, alegres e chitreantes, emigraram, foram ver, panoramas mais distantes.

Podera eu ir com elas, voar alto, voar longe, abandonar esta vida tam semelhante à dum monge.

As andorinhas partiram, coisas novas foram ver; eu cá vejo sempre o mesmo: — Muita maldade a crescer.

Amo muito as andorinhas, dedico-lhes afeição; gosto mais de as ver voar do que a qualquer avião.

Em seus vôos de alegria, em seus raids de emoção, as andorinhas não lançam bombas de exterminação.

Só deixam cair, às vezes, com certa pontaria, certa metralha exquisita, que sai quente, e fica fria.

E quando a granada atinge sujeito que é distraído, tudo «aquilo» se esborracha sem sequer ser pressentido.

Inda há dias, no Toural, o Américo Ferreira exibiu, no chapéu, a prova bem verdadeira.

BELGATOUR.

Críticas Pequenas

Todos sabem que a nossa Guimarães é um apreciável Burgo de Antiguidades e de Indústria. Mas o que nem sempre ocorre à mente dos nossos Turistas é a comiseriação que oferece entre nós a Indústria Tipográfica.

Nem tôlas as terras podem ter Tipografias dignas de ser visitadas. Guimarães entra no geral das terras em que a Arte de Gutenberg se mantém num atraso confrangedor.

Este pensamento, meus lisonsejro para nós, baila-nos no ânimo ao vermos que em Beja, na *Minerva Comercial*, já se editam brinquinhos de edições como o recente grosso volume *O DRAMA DE JOÃO BARROS*, tradução de L.ôbo Vilela do romance que foi portador do Prémio Nobel de 1937.

A urdidura de Roger Martin du Gard é simplesmente formidável. Os personagens não são em demasia. A variedade das situações, o desenvolvimento do enredo, os estudos que se sucedem, é que demonstram um trabalho mais que extraordinário e uma imaginação mais que ardente.

Até aquele desorientador Processo Dreyfus que viu terminar-se o século XIX ante o passo das gentes, na condenação e na reabilitação do Desterrado da Ilha do Diabo, até esse Caso de nefanda memória deu ensejo ao Autor para revelar os seus dotes de Alto Romancista.

É verdade que ficamos agora como há quarenta anos. O mesmo dédalo da dúvida bem atroz.

E todo o romance, em que há scenas em verdade empolgantes, visa também à semente daninha da Dúvida, e por isso ao fim não resistimos a marcar-lhe o nosso estigma: — Do teu fundo não gosto, meu Romance!

A revisão sem ser perfeita, é muito cuidada.

A tradução tem poucos pontos vulneráveis.

A pobreza de pensamentos de doce filosofia é infelizmente mais que acentuada.

Falta-lhe assim o que mais preço tem.

G.

NOVO ANO LECTIVO

Iniciou se o novo ano lectivo em todos os estabelecimentos de ensino de Guimarães, e, segundo me informam, a frequência do Liceu não é inferior à do ano findo, outrotanto acontecendo à da Escola Técnica.

Quanto à das Escolas Primárias, é de crer que seja muito elevada, sobretudo nas Escolas da cidade, facto que se tem verificado em anos anteriores. Nas Escolas de Santa Luzia, por exemplo, tem andado à volta de mil crianças de ambos os sexos a frequência regular, circunstância que tem dado motivo a que alguns professores dessas Escolas tenham assumido a regência de classes muito numerosas, facto que tem obrigado os mesmos professores a um esforço que não deve estar em relativa proporção com as normas da boa Pedagogia.

E se a vida espinhosa e cheia de responsabilidades do professor Primário é agravada com o sacrificio de um trabalho demasiado, sem uma condigna compensação do aproveitamento final, em virtude do excesso de frequência, daí resulta que tudo aquilo que porventura se possa aproveitar em número de matriculas se perde em rendimento do ensino. Quere isto dizer que não devem ser distribuídos a cada professor mais do que o número de alunos que a lei determina — creio que 40 a 45 — número suficiente para não se poder descuidar durante o ano, a-fim-de obter um resultado compensador. É evidente que assim seja, porque o excesso de alunos implica com a boa vontade do professor, com o seu zelo, com a sua assiduidade e com a sua própria competência.

E se atendermos, pois, a alguns dos principais preceitos pedagógicos, neles encontraremos condenado o exagerado número de alunos a cargo de qualquer professor, quer se trate do ensino Primário, quer de qualquer outro e dentro das respectivas exigências impostas pela modalidade de ensino de que se tratar. Assim deve ser de facto. Um professor, por muito competente e muito zeloso que seja, não pode fazer milagres, isto é, não pode atribuir à missão de ensinar as propriedades dos corpos elásticos. A missão do professor, pelo contrário, está subordinada a certos preceitos que se ajuntam à natureza dessa missão e um deles é o que se refere à impossibilidade de os professores de qualquer ramo e grau de ensino poderem obter os resultados desejados dos seus trabalhos escolares, quando tenham um número de alunos muito superior àquele que o critério do legislador determinou. Portanto, se há necessidade é de descongestionar e não de aglomerar e é exactamente isso o que se deve pedir às instâncias superiores, no sentido de serem descongestionadas, sobretudo, as escolas centrais de Santa Luzia — assim são conhecidas — evitando-se, desse modo, um sacrificio, que não é compensador, do professorado. O professor, que deve ser cumpridor em absoluto e sob todos os pontos de vista, não deve, no entanto, ser obrigado a fazer da sua escola um amontoado de crianças com prejuizo da disciplina e do aproveitamento de cada uma delas. É o caso de se aproveitar por um lado e de se perder pelo outro e em tais circunstâncias o resultado torna-se sempre, negativo. Mais vale, pois, não ir além do possível do que fazer sacrificios de resultados inúteis.

De resto, é o próprio Poder Central quem procura levar a efeito uma distribuição razoável da frequência escolar por meio da criação de Escolas e de Postos Escolares nas locali-

Farpas

A César o que é de César

Sob o patrocínio da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte, foi publicado, ultimamente, uma nova edição do «Caminho de Ferro do Norte Ilustrado».

Nas suas primeiras páginas faz-se a história da antiga empresa ferro-viária e das complicadas concessões feitas à Companhia exploradora num período que vai de 1871 a 1903, até que em 1932 se procedeu à inauguração do novo troço da Senhora da Hora à Trofa, que veio ligar a antiga rede com a estação de Pôrto-Boavista, agora prolongado — e bem — até à Trindade.

Nesse resumo histórico fica arquivado tudo quanto nos pode elucidar acerca das boas-vontades que se uniram para levar por diante tão admirável e necessário empreendimento. Pena foi que a concessão da via larga, feita em 1875, não se tivesse mantido para a construção do ramal da Trofa a Guimarães, mais tarde levado até à ridente vila de Fafe. Assim ter-se-ia facilitado desde logo a ligação directa com o Pôrto, o que teria sido excelente.

Mas não foi para lamentar as dificuldades então levantadas que viemos tratar da publicação a que nos estamos referindo.

Além do resumo histórico de que já tratamos, publica essa espécie de guia turístico notícia descritiva de cada uma das terras servidas pelas linhas do Norte.

Sobre Guimarães é publicado o roteiro organizado por um vimearanense anónimo para servir de itinerário dos forasteiros atraídos pelas Qualterianas. Não teríamos que opôr qualquer comentário a publicação desse roteiro se o não vissemos autenticado por duas iniciais *A. G.* que abusiva ou levanamente ali foram postas e que não correspondem à verdade. Deve tratar-se, certamente, de qualquer equívoco, aliás lamentável, pois que não cremos que houvesse propósito em tirar a *César o que a César pertence*.

Não falamos já da especificação dos estilos e das épocas dos monumentos da nossa cidade, porque isso está dentro da sabedoria de qualquer pessoa que tenha noções das coisas de Arte, mas apenas do trabalho de organização desse roteiro que não pertence a *A. G.*

Ignoramos se com as outras terras mencionadas neste guia aconteceu caso idêntico. Porque, se assim foi, só temos, ao louvar a iniciativa desta útil publicação, de lamentar que tais factos se dessem e que tão pouco escrupulo houvesse, sob o aspecto referido, na sua organização.

A verdade sempre e acima de tudo, para se poder falar *coram populo*.

São João das Caldas, 4 de Outubro de 1939.

X. X.

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

Precisa-se, para casa de grande movimento, com bastante prática de correspondência comercial e alguns conhecimentos de escrituração.

Quem se julgar nas condições exigidas pode dirigir-se a Artur Fernandes de Freitas — Largo da Condessa do Juncal. (131)

dades onde se torne necessária a sua criação. E perdoem-me os entendidos estas considerações, mas o que acabo de dizer não representa mais do que o meu modo de ver sobre o assunto em referência.

Zé da Aldeia.

Desporto

Vitória, 5; Leça, 1 — Quem muito escolhe... — Um gesto feio — Balanço de jogadores — Campeonato Distrital. Primeiro jogo.

Com reduzida assistência, efectuou-se, no passado domingo, no Campo de Benlhevai, um novo desafio de futebol, sendo contendores o Vitória, desta cidade, e o forte agrupamento Leça Foot-ball Club.

Este encontro, que só no segundo tempo conseguiu interessar os assistentes, terminou com o resultado de 5-1, favorável aos vimearanenses, finalizando a primeira parte com 2-0.

Como acima se diz, a primeira parte do encontro não despertou interesse, pois as equipas, excepção feita a uma vistosa e impecável avançada, levada a efeito logo no início do jogo pelos donos do terreno, pouco mais teve digno de registo. Houve, é certo, muito esforço dispendido pelos rapazes do Leça, mas que se tornou quasi inútil pela desorganização técnica de que se revestiu. A linha dianteira do Vitória, em maré de pouca inspiração, e com um jogador ao centro pouco experiente e muito receioso, deu fraca conta de si. Todo o jogo que, nesta parte, a equipe fez pelo meio do terreno, perdeu-se ingloriamente. Foi preciso que Zeferino se decidisse a abrir o activo — aliás com um excelente pontapé —, porque as coisas tendiam para se chegar ao fim da primeira metade do encontro sem marcação de «goals».

Depois de quebrado o «enguico», e a poucos minutos do fim, Laurita fez novo «goal», o qual trouxe mais um pouco de confiança à equipe.

Na segunda parte jogou-se mais e melhor. A equipe vimearanense fez alarde de regular técnica, notando-se mais ligação entre os vários sectores. O avançado-centro mesmo, que no primeiro tempo só prejudicou a equipe, agüentou-se menos mal, procurando ser útil. E por vezes — poucas — conseguiu-o. Este jogador, que é novo, teve «coisas» interessantes, mas há que confessar francamente que está ainda «muito verde» para ocupar tal posto. E a propósito, este aparte, sem que o mesmo vá com intuitos de ferir quem quer que seja: Estando nós, como estamos, à porta do Campeonato Distrital — prova sempre difícil e cheia de surpresas — porque razão é que o Vitória não apresentou neste encontro a sua linha oficial? Parece-nos que se estão a fazer experiências em demasia e isso, em regra, dá fraco resultado. Já lá diz o ditado: — «Quem muito escolhe... pouco acerta».

Dos três elementos que haviam sido experimentados para ocupar o lugar de avançado-centro, qualquer deles, em nosso entender, serviria. Era só questão de adaptação. Mas... continuem as experiências.

Nesta segunda parte o Vitória marcou 3 bolas por intermédio de Tavares, Alexandre e Zeferino. O Leça, que lutou com entusiasmo, marcou uma só — fraca recompensa para tanto esforço dispendido. Se o marcador subisse a seu favor, pelo menos mais um número, não seria injustiça. Esta parte foi fértil em cantos, sendo o Leça o mais castigado, mas deles se defendeu sem grande dificuldade.

Neste jogo, a linha de médios do Vitória procurou *redimir-se*. Dos três, o que mais se evi-

Anúncio

FAZ-SE público que, por escritura lavrada em 20 de Abril de 1939, no cartório do notário Dr. José Augusto da Costa Eiras, desta cidade de Guimarães, entre José Carvalho de Melo e Alexandrino Gonçalves da Costa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes.

Esta sociedade adopta para todos os actos e contractos a denominação de «MELO & COSTA, L.D.A.».

A sua sede e estabelecimento são nesta cidade de Guimarães, no Largo 28 de Maio, n.º 42, podendo estabelecer sucursais, agências e quaisquer espécies de representações, em qualquer ponto do país.

Esta sociedade tem por objecto o comércio de agentes de negociantes nacionais ou qualquer outro ramo que os sócios queiram explorar.

Esta sociedade tem o seu início no dia de hoje e a sua duração é por tempo indeterminado.

O capital social é de 50:000\$00, correspondente à soma das quotas dos sócios, no valor de 25:000\$00, cada um. — A quota do sócio Costa acha-se inteiramente realizada em dinheiro e a quota do sócio Melo é representada pelo activo, livre de todo o passivo, do seu estabelecimento, que individualmente explorava no Largo 28 de Maio desta cidade, achando-se assim também realizada.

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas os suprimentos pelos sócios feitos à caixa social vencerão ou não juro, conforme entre si combinarem e constar da acta.

É dispensada a autorização especial da sociedade para a divisão de quotas por herdeiros ou cônjuges dos sócios.

A sociedade será representada, em juízo e fora d'ele, activa e passivamente, por ambos os sócios, que ficarão sendo gerentes, os quais poderão fazer uso da firma social. — Esta, em caso algum poderá ser empregada em fianças, abonações, letras de favor ou mais actos e documentos que envolvam responsabilidade e sejam extranhos aos negócios sociais.

Os sócios ficam autorizados a retirar mensalmente da caixa social, para seus gastos individuais e por conta dos lucros, as importâncias que em assembleia geral dos sócios forem determinadas.

Os balanços fechar-se-ão em 31 de Dezembro de cada ano.

Os lucros líquidos, deduzida a importância de 5 % para o fundo de reserva legal, enquanto este não estiver realizado, ou sempre que seja preciso reintegrá-lo, serão divididos pelos sócios em partes iguais, e, sem prejuízo de qualquer outra deliberação, distribuídos no fim de cada ano em seguida à aprovação dos balanços. — As perdas, se as houver, serão suportadas na mesma proporção.

A morte ou interdição de qualquer dos sócios não importará a dissolução da sociedade, que subsistirá com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito. Se os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito não quiserem fazer parte da sociedade, só terão direito a haver do sobrevivente ou interdito e estes serão obrigados a pagar-lhes, o que se apurar pertencer-lhes, de reserva e lucros, em face do balanço, a que então se procederá para esse efeito.

Este pagamento será efectuado no prazo de dois anos, em prestações iguais e mensais, com o juro anual de 6 %, salvo o direito de antecipação.

Em todo o omissio prevalecerão as disposições da Lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação applicável.

Guimarães, 23 de Abril de 1939.

O ajudante do not. Dr. Costa Eiras,
(130) **Martinho da Silva.**

A SOCIAL



COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS

S. A. R. L.

CAPITAL ESC. 500.000\$00

Preferida pela organização da sua assistência para os SEGUROS CONTRA DESASTRES NO TRABALHO

SÉDE - Rua Cândido Reis, 51 a 61 PORTO

Agência geral em GUIMARÃIS: **Alberto Pimenta Machado.**

Delegado para a ASSISTÊNCIA: **Henrique de Sousa Correia Gomes.**

Na Póvoa de Varzim Viticultores

A Colónia Balnear das Oficinas de S. José e dos Sindicatos Nacionais de Guimarães

Após a retirada da Colónia Balnear das Oficinas de S. José, há dias, que durante a sua estada aqui não só agradeceu pela sua apresentação e disciplina, que bem testemunham o zelo e cuidado dos seus dirigentes, assim como também pela banda musical que algumas vezes tivemos ensejo de ouvir com a maior satisfação, chegou a Colónia dos S. N. de Guimarães.

Após a retirada da Colónia Balnear das Oficinas de S. José, há dias, que durante a sua estada aqui não só agradeceu pela sua apresentação e disciplina, que bem testemunham o zelo e cuidado dos seus dirigentes, assim como também pela banda musical que algumas vezes tivemos ensejo de ouvir com a maior satisfação, chegou a Colónia dos S. N. de Guimarães.

Bem haja, pois, quem concretiza ideias destas, cooperando assim e tão dignamente, em prol da saúde e bem físico da criança, verdadeiro contributo para fortes gerações viu-louras. Pena é que, nem todas as crianças, principalmente aquelas que mais necessitam, possam gozar desta grande conveniência e, ipso-facto, é que a capital, suprimentos, fundo de reserva e lucros, em face do balanço, a que então se procederá para esse efeito.

Póvoa de Varzim, 4 de Outubro.
Alexandre Teixeira.

AVISO

Durante o prazo de 15 dias, que termina no dia 13 do mês corrente, está aberto concurso para admissão de candidatos a operador de reserva dos C. T. T., com o vencimento mensal de 500\$00.

Nesta estação prestam-se esclarecimentos.
Guimarães e estação telegrafo-postal, em 3 de Outubro de 1939.

O Chefe da Estação,
Julião Carneiro da Silva.

Lêde e propague o «Notícias de Guimarães»

Chama-se a vossa atenção para um despacho de Sua Ex.ª o Ministro da Agricultura determinando que para efeitos das disposições concedidas pelo Decreto N.º 27.285, só poderão ser tomadas em consideração as vinhas que tenham sido identificadas pelos funcionários das Brigadas Móveis do Plantio da Vinha.

Conseqüentemente todas as vinhas (em ramadas, enforcadas ou bardos) que forem arrancadas sem prévio conhecimento desta Brigada, não poderão ser levados em consideração para futuras plantações.

Em virtude do que se acaba de expor, informam-se todos os Viticultores que não devem:

1.º - Fazer qualquer plantação de videiras sem prévia autorização. (Exceptua-se a retancho ou substituição de cepas mortas ou doentes que pode ser feita sem prévia licença desde que não exceda 15 %).

2.º - Proceder ao arranque de Vinha (enforcadas, ramadas ou bardos) que pretendam reconstituir ou transferir, sem previamente a existência da mesma vinha ter sido constatada por um funcionário desta Brigada.

Estas mesmas informações já foram fornecidas aos Ex.ªs Delegados Especiais do Governo nos concelhos da área desta Brigada, em Maio do corrente ano, com o pedido de elas darem conhecimento a todas as autoridades do respectivo concelho.

Chegando porém ao conhecimento desta Brigada que muitos proprietários as ignoram, mais uma vez se tornam conhecidas através dos jornais que se publicam na área desta Brigada (Distrito do Porto, Braga e Viana do Castelo).

Quaisquer informações que desejardes sobre este assunto ou qualquer outro que se relacione com plantio de vinhas, dirigi-vos pessoalmente ou por carta à 3.ª Brigada Móvel dos Serviços Reguladores do Plantio da Vinha, Rua do Rosário n.º 5-1.º Porto, onde vos serão prestados todos os esclarecimentos.

3.ª Brigada Móvel do Plantio da Vinha, em 4 de Outubro de 1939.

O Engenheiro-Agrônomo Chefe da Brigada

a) **Norberto de Albuquerque de Azevedo Coutinho.**

Escrituração Comercial e Francês Prático

A partir de 15 do corrente, começará a funcionar, no Largo da Oliveira, 19-2.º, um curso nocturno destas disciplinas, regido por pessoa devidamente habilitada, com larga prática. Quem desejar inscrever-se, poderá dirigir-se à morada supra, onde serão dados esclarecimentos.

Do Concelho

S. Romão de Mesão-Frio, 6

Encontra-se a guardar o leite, acometida de doença grave, a menina Emília de Sousa Nogueira, filha estremeçada do nosso amigo sr. António de Sousa e da sr.ª D. Maria José Nogueira, do lugar da Carreira. Desajamós-lhe rápidas melhoras.

Já se encontra entre nós, vindo de sua terra natal, onde esteve a gozar as férias, a distinta professora oficial, nesta freguesia, sr.ª D. Julieta Pereira da Silva.

Várias pessoas se têm queixado contra Jacinto de Castro, solteiro, de 26 anos de idade, sem profissão, o qual às primeiras horas da manhã aparece, na barroca da granja, às raparigas leiteiras provocando-as escandalosamente e atentando contra a honra das pobres moças.

É preciso que quem de direito ponha termo a tão nojento assunto, entregando esse insolente vagabundo às autoridades superiores. — C.

Moreira de Cónegos, 4.

Foi, há dias, pedida em casamento a menina Irene Fonseca da Vitória, estimada filha do sr. Eduardo Fonseca da Vitória, empregado da farmácia Vitália, da cidade do Porto, para o sr. Armando Diniz Dias Pereira, desta freguesia.

O auspicioso enlace realiza-se brevemente.

Pelo falecimento de uma sua prima, encontra-se de luto a sr.ª D. Emília Alves da Silva Guimarães, da Casa do Campêlo.

No dia 29 do mês passado, completou mais uma primavera a sr.ª D. Emília Alves da Silva Guimarães, da Casa do Campêlo. Que aquela data festiva se repita por longos anos.

No próximo domingo, visita-nos o grupo de Honra do Sporting Club da Fontinha, do Porto, para no «Campêlo das Vinhas» enfrentar o Moreirense Futebol Club, em disputa da Taça Jaime Ramos, oferta daquele grupo. Cremos que mais uma vez vai marcar o nosso grupo. — C.

CÃO COELHOIRO

Apareceu, entrega-se a quem provar pertencer-lhe, pagando as despesas deste anúncio.

Informa, Manuel Pereira da Costa, Casa do Souto, S. Faustino — Vizela. (132)

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos. (133)

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, Ligorne, Povo, Roquete, (sin. e ling.) e Sinónimos de Bandeira.

Charadismo

N.º 4 2.º Ano 5.ª Série

Charada em verso

226) **SÉDA E CHITA**
Porque olhas com desdém esse chalhinho preto que, ora, passou, junto de ti? Ele é bem mais bonito, feito em linho, que o teu rico vestido «dernier cri».
Troças do lenço rubro com vaidade, Compára-lo ao chapéu caro, elegante, estilo «arranha-céus», — futilidade-2 filha da louca moda extravagante.
Usas belos perfumes, pó, «baton», e julgas impossível distinção á que não se apresente em tal riqueza.-1
Afinal, podes crer, és tu a enganada, pois todo o homem de bem, á tez «caída», prefere o são frescor da camponeza.

227) **Enigma**
E's, ó primeiro amor, o mais leal, O mais puro, o que encerra mais ternura! Amor primeiro! E's luz brilhante e pura A despontar num peito angelical!
E's da esperança o rútilo fanal; E's, ao nascer, prenciduo de ventura! Mas, ai amor! Depois és amargura, Transformas-te em saúde, em dor fatal. Quando ante ti surgirem desenganos Trazidos pelo tempo, pelos anos Que perdeste a amar falso coração, Igual a um coração p'lo qual sofri Quando o primeiro amor arder senti No meu peito entre a chama da paixão!

Biformes

228) **Guerra!** Auxílio poderoso da morte. — 2
229) **Opinião** rica é a de quem em Deus pensa. — 2
230) **A vingança** não mortifica... irrita. — 3

Novíssimas

231) Quando se aproxima a idade legal para o casamento, «nota», se o aparecimento do Bon-«Humor». — 3-1
232) A guerra é o maior sofrimento moral da humanidade e aquele que a provoca é um brigão. — 2-1
233) Amor por dinheiro... amor interesseiro. — 1-2

(Ao P. DE INKIN)

234) A multidão viu que a marcha seguiu com pressa, mesmo muita pressa. — 2-2
235) O indivíduo que melhor aprecia o pelame seria o peleiro. — 2-3

Sincopadas

236) Amor! Muito grande ilusão. — 3-2
237) Felizmente que nem todas as mulheres são insensatas. — 3-2
238) O atrevido dá em pervertido. — 5-4
239) Escarnecer da miséria é esquecer o culto católico. — 3-2
240) E, a sua imagem, reflectia-se em cada estilhaço do espelho partido. — 3-2

Correspondência: — J. GARCIA — Rua da Alegria, 1000 — Porto.

Campionato Charadístico

Resultados do n.º 12 — 4.ª Série

Soluções

166) Atraição; 167) APERTO; 168) baldada; 169) esmurregado; 170) filho-família; 171) SEMÃO; 172) encaminhe-Deus; 173) fura-paredes; 174) GANAPÃO; 175) famula; 176) valego; 177) TRERURA; 178) caruma; 179) macota; 180) desviar.

EXPLICAÇÃO DOS ENIGMAS: — 166) negra (atra) e triste (caída) = atracáida; sem que (ca), fica atraída; 167) perto, unindo a = aperto.

Quadro de distinção

N.º 167, 171, 174 e 177.

RELATÓRIO

Prezado LUSBEL.

Para terminar a votação da série que o meu amigo me incumbiu, depois de examinar as produções inseridas no n.º 12, entendi dar o meu voto às seguintes:

Em verso: n.º 167.
Em prosa: n.º 171, 174 e 177.

E assim finda a missão Dum Juiz incompetente; — Mas isto de votação Não agrada a toda a gente.

Confrade e amigo
Otopavlis.

Quadro de Honra

(Pontos a decifrar: 15)

Alvarinto, Calígula, Castela, Conde, Dado, Demo, Diadema, Don Zé Franuli, E'dipo, Fidélido, Fosquinha, Hanibal, Jorubasil, José do Canto, Lérias, Oteblo, Pacatão, P. de Iukin, Peole, Quico, Reirobi, Rei Téxai, Ricardo, Romeu, Sabrigaita, Satan, Siulno, Soba da Torre e Tinobe. Totalistas.

Quadro de Mérito

A. L. C., Enecepê, Etnop, Madame Lérias, Miss Sporting, Já Mexe e Valis, 14; Agnus Matutus, Biscaro, Copofónico, Dropê, Erbele, Labita, Morenita, Rei Viola, Rotie, Vareira, X-8 e X-9, 18; Asa, Arlino, Avlis Yur, Carlos Melo, Degas, Galhardo, Ivanoff, John Biffe, Leinad, Morais, Rob. Vir Invictus e Zaroff, 12; Délia e Doralvas, 11; Olegna e Quim Mosquito, 10.

DIPLOMATAS

AURÉLIO FERRA, nas charadas, não é nada baírrista...

RECTIFICAÇÃO

No número passado, na charada 215, onde se lê sem, leia-se: no.

As listas do presente número devem estar em nosso poder até ao dia 22 de Outubro.

Restaurante Palmeira

O melhor Restaurante do Porto é sem dúvida o

Restaurante

PALMEIRA

Travessa Passos Manuel, 36

Telefone, 5824. (74)

Cândido P. de Faria.

Eagle

A Gabardine da Moda.

Qualidade garantida.

Perfeito acabamento.

Preços de antes da Guerra.

Agente em Guimarães:

LOJA DAS CAMISAS

(Ao Toural)

CAMISARIA MARTINS.

António José Ribeiro Rodrigues Marques de Abreu

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Passando no dia 15 do corrente o 1.º aniversário do falecimento do saudoso António José Ribeiro Rodrigues Marques de Abreu, sua família manda celebrar uma missa, em sufrágio da sua alma, ás 9.30 horas do referido dia, na igreja paroquial desta freguesia, agradecendo desde já a comparação áquele acto.

S. Martinho de Candoso, 6 de Outubro de 1939. 134